



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO

CONTRIBUIÇÕES DA WEB 2.0 PARA O ENSINO DE GÊNEROS:
POSSIBILIDADES DE UMA SEQUENCIA DIDÁTICA

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JORDÃO

João Pessoa,
2015

VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JORDÃO

**CONTRIBUIÇÕES DA WEB 2.0 PARA O ENSINO DE GÊNEROS:
POSSIBILIDADES DE UMA SEQUENCIA DIDÁTICA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Linguística e Ensino da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de mestre em Linguística.

Linha de Pesquisa: Tecnologia Ensino

Orientação: Drº Mariano Castro Neto

João Pessoa,

2015

J82c Jordão, Vera Lúcia de Oliveira.
Contribuições da web 2.0 para o ensino de gêneros:
possibilidades de uma sequência didática / Vera Lúcia de
Oliveira Jordão. - João Pessoa, 2015.
52 f.: il. -

Orientador: Mariano Castro Neto.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/ CCHLA

1. Linguística. 2. Sequência didática. 3. Ensino - gêneros.
4. Web 2.0—ensino. I. Título.

UFPB/BC

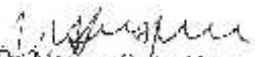
CDU: 801(043)

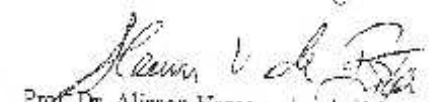


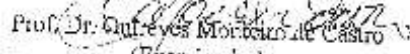
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM LINGUÍSTICA E ENSINO

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO
VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JORDÃO

Aos vinte e nove dias do mês de outubro de dois mil e quinze (29/10/2015), às catorze horas, realizou-se na Sala de VALPB/CCHLA, a sessão pública de defesa de Dissertação intitulada "*Contribuições da Web 2.0 para o ensino de gêneros: possibilidades de uma sequência didática.*" apresentada pelo mestrando VERA LÚCIA DE OLIVEIRA JORDÃO, Graduada em Direito pela UNICAP, que concluiu os créditos para obtenção do título de MESTRE EM LINGUÍSTICA E ENSINO, área de concentração de LINGUÍSTICA E ENSINO, segundo encaminhamento da Profª. Dra. Jiliane Lopes Ribeiro Pedrosa, Vice-Coordenadora de Mestrado Profissional em Linguística e Ensino da UFPB e segundo registros constantes nos arquivos da Secretaria da Coordenação do Programa. O Prof. Dr. Mariano Castro Neto (MPLB/UFPB), na qualidade de orientador, presidiu a Banca Examinadora da qual fizeram parte o Prof. Dr. Alisson Vasconcelos de Brito (MPLB/UFPB) e o Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro (PROFLETRAS/UFRN). Dando início aos trabalhos, o Senhor Presidente, Prof. Dr. Mariano Castro Neto, convidou os membros da Banca Examinadora para compor a mesa. Em seguida, foi concedida a palavra a Mestranda para apresentar uma síntese de sua Dissertação, após o que foi arguido pelos membros da banca Examinadora. Encerrando os trabalhos de arguição os examinadores apresentaram o parecer final sobre a Dissertação, à qual foi atribuído o conceito APROVADA. Após a divulgação do resultado foram encerrados os trabalhos e, para constar, a presente ata foi lavrada e será assinada pelo Senhor Presidente juntamente com os membros da Banca Examinadora, João Pessoa, 29 de outubro de 2015.


Prof. Dr. Mariano Castro Neto
(Presidente da Banca Examinadora)


Prof. Dr. Alisson Vasconcelos de Brito
(Examinador)


Prof. Dr. Onireves Monteiro de Castro
(Examinador)

Vanuza Lima Silva
Secretária / SIAPE 333448/1

UFPB / CCHLA
Mestrado Profissional
em Linguística e Ensino
MPLB

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, por ser essencial em minha vida, é Ele o autor de meu destino, o meu guia. Dedico também ao meu pai (**in memorian**), sem ele eu não teria conseguido chegar a conclusão do Mestrado, mesmo acamado sempre incentivou-me para que me tornasse a pessoa que sou, minha mãe, meus netos, e a toda minha família...”

AGRADECIMENTOS

A Deus agradeço pela oportunidade de estar viva, ao meu esposo pela paciência de ter entendido as minhas ausências, Aos meus filhos por terem me dado incentivo para continuar a caminhada, mesmo com os atropelos que a vida nos dá. Aos netos e familiares por acreditarem em mim.

Ao meu orientador, Prof^o. Dr. Mariano Castro Neto, por toda a ajuda e compreensão para o desenvolvimento deste trabalho e pelo carinho demonstrado.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação do Mestrado em Linguística da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, pelos conhecimentos partilhados ao longo do curso.

Aos meus colegas de mestrado, pelo companheirismo e pelo inegável apoio quando necessário.

RESUMO

O presente trabalho propõe uma sequência didática com o gênero textual entrevista, a partir da utilização das entrevistas disponíveis no youtube, repositório da web 2.0. As possibilidades da web 2.0 são infinitas, especialmente no repositório do Youtube, para um professor criterioso a web 2.0 é um convite a propostas de ensino muito interessantes. Utilizando-se de material adequado disponíveis na web, ele consegue diminuir o tempo de elaboração e enriquecer sobre maneira suas aulas. Observamos os constantes acessos dos jovens a vídeos do youtube, tanto para postarem como compartilharem, essa é uma prática recorrente. Essas observações precisam ser consideradas, atendendo ao que prescreve os Programas Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM, quando orienta a escola considerar as práticas sociais vivenciadas por seus alunos. Portanto, nossa proposta consiste em somar a vivencia dessa prática juvenil ao arsenal de entrevistas disponíveis no repositório do youtube, uma das ferramentas da web 2.0, sugerindo uma sequência didática para ensino do gênero Entrevista. Para tanto, iniciaremos com a teoria de base do interacionismo social de Vigotsky (1995), a interação verbal em Bakhtin (1997, 2006) e, no estudo de gêneros, Marcuschi (2008), Araújo (2011) entre outros autores e, por fim, nos estudos sobre a sequência didática, abordaremos Dolz & Schneuwly (2004).

Palavras- chave: Web 2.0. Ensino. Gênero. Entrevista. Sequência didática

RESUMEN

En este trabajo se propone una secuencia de enseñanza con la entrevista género del uso de entrevistas disponibles en YouTube, repositorio de la Web 2.0. Web 2.0 posibilidades son infinitas, sobre todo en el repositorio de Youtube, para un profesor de la Web 2.0 discernir es una invitación a propuestas educativas muy interesantes. El uso de material adecuado disponible en la web, se puede reducir el tiempo de desarrollo y enriquecer manera acerca de sus clases. Observe el acceso constante de los jóvenes a los vídeos de YouTube, tanto publicación y el intercambio, esta es una práctica recurrente. Estas observaciones deben tenerse en cuenta, a la vista de la prescripción de los programas nacionales de Currículo de la escuela secundaria - PCNEM la hora de orientar a la escuela para considerar las prácticas sociales experimentados por sus estudiantes. Por lo tanto, nuestra propuesta es agregar las experiencias de este juvenil practicar las entrevistas arsenal disponible en repositorio de youtube, una de las herramientas Web 2.0, lo que sugiere una secuencia didáctica para entrevistar a la educación de género. Para ello, vamos a comenzar con la teoría básica del interaccionismo social Vygotsky(1995), la interacción verbal en Bajtín (1997, 2006) y en el estudio de los géneros, Marcuschi (2008), Araújo (2011) y otros autores, y finalmente, en estudios sobre la secuencia didáctica, discutimos Dolz y Schneuwly (2004).

Palabras clave: Web 2.0. Educación. Género. Entrevista. Secuencia didáctica

LISTA DE FIGURAS E TABELAS

| | |
|---|----|
| FIGURA. 1- Modelo de Sequência Didática Dolz e Schneuwly | 36 |
| FIGURA. 2- Sequência Didática Adaptada ao Modelo de Dolz & Schneuwly..... | 38 |

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1INTRODUÇÃO | 11 |
| 1.1 Justificativa | 14 |
| 2. Elementos para uma reflexão acerca da realidade | 15 |
| 2.1 Vygotsky: algumas contribuições..... | 16 |
| 2.2. Aprendizagem uma categoria escorregadia | 16 |
| 2.3 Internet e os processos educativos..... | 17 |
| 2.4 Comunicação através da WEB 2.0..... | 21 |
| 2.4.1 Processo de ensino-aprendizagem em rede..... | 22 |
| 2.4.2 O processo de implementação tecnológica nas escolas..... | 24 |
| 2.4.3 Possibilidades da web 2.0 e o papel do professor..... | 26 |
| 2.4.4 Habilidades necessárias para o profissional da educação..... | 31 |
| 2.5 Concepção de Gênero em Bakhtin..... | 33 |
| 3.Sequência Didática..... | 34 |
| 3.1 Sequência Didática para o Gênero Entrevista..... | 36 |
| 4. Análise dos Resultados da Sequência Didática..... | 40 |
| 4.1.1 Apresentação da situação..... | 41 |
| 4.1.2 Produção Inicial..... | 42 |
| 4.1.3Análise dos módulos..... | 43 |
| 4.1.4 Produção Final..... | 44 |
| 5. Considerações Finais..... | 47 |
| REFERÊNCIAS | 50 |

1 Introdução

Impulsionados pelas novas tecnologias a forma tradicional de atuar em sala de aula de muitos professores já está dando lugar a novos procedimentos em que o ato pedagógico se dá em ambiente de aprendizagem aberto, desvinculado da necessidade de presença pessoal, podendo ser executado presencial ou virtualmente, tanto para o aluno quanto para o professor.

O encantamento/desencantamento que as novas tecnologias exercem sobre as pessoas, a necessidade de capacitação permanente do professor – aprendiz do futuro, o processo de aprendizagem em novos ambientes interativos, as estradas da informação e da comunicação, bem como discutir a produção e socialização do conhecimento, nesses novos espaços educativos.

Muitas das práticas de linguagem materializadas na web 2.0, devem sua existência à natureza convidativa do ambiente, que de certa forma parece impelir o internauta à intervenção, à manipulação do conteúdo e ao desenvolvimento de si mesmo como coautor dentro do universo digital ARAÚJO (2011 p.3)

A utilização da internet numa escala crescente no mundo da educação e especificamente nas escolas representa um desafio para professores e alunos na tarefa de elevar a qualidade do processo ensino aprendizagem.

Com ela se estabelece um divisor de procedimentos didático-pedagógicos que fará professores e alunos modificarem substancialmente seu modo de interagir.

O fato é que a internet trouxe uma instabilidade e uma fragilidade tão grandes que tira o sossego de todo indivíduo que assume o status de internauta.

A forma tradicional de se relacionar com as pessoas e o mundo não é mais a mesma depois do primeiro clic na rede.

Neste sentido, a escola também precisa proceder a um reordenamento do próprio espaço, em que estas novas alternativas de interação sejam dadas como possibilidades reais.

Mas como fazer isso? Este é um desafio imposto a todos, nesta nova era de interações virtuais, quando a pesquisa pode andar rapidamente, a discussão pode ser feita a distância, a correspondência pode ser efetuada em tempo quase real, e as informações que congestionam as estradas da comunicação podem ser acessadas de qualquer lugar em qualquer momento.

As tecnologias de informação e comunicação (TIC) aumentam ou diminuem as chances de uma educação para a solidariedade?

A conectividade na era das redes ajuda a criar condições favoráveis para a sensibilidade solidária? Web 2.0

Durante a era das redes, toda e qualquer atividade realizada em ambientes favoráveis á utilização de tecnologias, sejam as mesmas, pedagógicas ou não, tende a favorecer o cenário onde é aplicado, pois as tecnologias tem como base, simplificar, modernizar e tornar mais dinâmica a vida cotidiana e as atividades exercidas, fazendo com que exercícios, projetos, atividades em grupo, tomem rumos diferentes do tradicional, aumentando o aprendizado e interesse dos alunos.

Estes questionamentos servem como base para a construção dos pressupostos que orientará o presente estudo.

Neste sentido o percurso metodológico deste estudo é o da abordagem qualitativa, pois se entende que essa abordagem corresponde trabalhar com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO, 1996).

Objetivando apresentar uma leitura clara este estudo foi organizado da seguinte forma:

Esse trabalho está organizado em quatro capítulos, estruturados de maneira que alcance os objetivos aqui propostos. Cada capítulo contém subdivisões que desdobram o tópico proposto.

No primeiro capítulo apresenta-se: a temática; um esboço dos aspectos metodológicos e estrutura dos capítulos seguintes.

No segundo capítulo abordamos a discussão teórica a qual dará o suporte para a análise dos dados. Abordaremos inicialmente as concepções do interacionismo social de Vygotsky (1995), discutiremos sobre a internet, postura do professor na era da informação, as possibilidades da Web 2.0 e, finalizamos apresentando gêneros em Bakhtin (1997; 2006).

No terceiro capítulo se apresenta os estudos sobre a sequência didática, abordaremos Dolz & Schneuwly (2004), discorrendo sobre a metodologia de elaboração da sequência didática do gênero Entrevista.

No quarto capítulo apresentamos a análise dos resultados esperados, apoiando-se na idéias de Dolz & Schneuwly (2004), para o estudo dos gêneros na escola. Finalizamos, discutindo se o objetivo de motivar os alunos a partir das ferramentas da web 2.0, foi alcançado e as suas possibilidades nos estudos com gêneros, utilizando os recursos que estão disponíveis no youtube.

As considerações finais trazem as conclusões com relação ao objetivo proposto pelo estudo, apresentando a viabilidade de utilização dos recursos da web 2.0, fazendo referencias também aos resultados alcançados com a sequência didática.

1.1 Justificativa

O processo de democratização do saber e da inclusão social na teia mundial do conhecimento está obrigando tomada de posição no sentido de repensar a educação, principalmente a partir da introdução do computador, e, com ele, a Internet na escola (mais propriamente na sala de aula).

Isso implica numa nova postura pedagógica e pensar em como trabalhar a prática pedagógica utilizando estas tecnologias em ambientes interativos de produção do saber?

A utilização do computador como meio de passar ou repassar informações aos alunos sedimenta procedimentos tradicionais pedagógicos de confirmação do status quo, mantendo vigente um modelo de sociedade que produz um “apartheid tecnológico” que aumenta a distância entre os que têm acesso ao mundo da informação e do conhecimento, e os que pouco ou nada têm.

Contrariamente a esses procedimentos de exclusão social, apresenta-se uma nova pedagogia de utilização das tecnologias voltadas para a inclusão de todos na teia da informação e da construção do conhecimento.

No entanto, a escola parece estar longe deste novo fazer pedagógico, o que revela uma defasagem metodológica causada pela falta de preparo de profissionais da educação, que de uma forma ou de outra subtilizam ou não utilizam as tecnologias da informação e da comunicação.

Torna-se, pois, objeto de pesquisa do presente estudo, somar a vivência das práticas juvenis em produção e compartilhamento de vídeos ao arsenal de entrevistas disponíveis no repositório do youtube¹, uma das ferramentas da web 2.0. Para tanto, sugerindo uma sequência didática para ensino do gênero Entrevista, com isso, atendemos plenamente o disposto nos Programas Curriculares Nacionais do Ensino Médio – PCNEM, quando orienta a escola considerar as práticas sociais vivenciadas por seus alunos e, somá-las a alternativas que possam modificar a prática pedagógica, com vistas a melhorar a qualidade do processo de aprendizagem.

¹ YouTube é um site de compartilhamento de vídeos enviados pelos usuários através da internet.

2 Elementos para uma reflexão acerca da realidade objetiva

Um olhar minucioso sobre a realidade revela pelo menos duas correntes na educação: uma que trata da visão fixista que corresponde à prática tradicional, que vê o mundo como sendo estático, a sociedade como uma entidade imutável, parada, sem movimento, que não admite transformações e outra da transformadora, que interpreta o mundo dialeticamente, admite mudanças freqüentes e permanentes, e entende seu movimento, fruto dos conflitos e contradições, como sendo inevitáveis.

Uma forma semelhante à primeira, a visão maniqueísta é responsável pela dissociação entre teoria e prática, ou seja, pensamento e planejamento x fazer e agir. A escola tradicional é basicamente determinada por esta forma de agir e ver o mundo.

A tendência pedagógica tradicional organiza o ensino de forma autoritária, rígida, inflexível, pois, concebe que o ensino deve ser igual para todos, e ministrado numa ordem lógica preestabelecida. O autoritarismo desse modelo de escola perpassa o entendimento de que o adulto é um ser completo, que sabe, e, portanto, é o que tem condições de ensinar; a criança é incompleta, imatura, inacabada; a ela cabe aprender.

Há algum tempo, este modo de ver o mundo, por força do desenvolvimento científico, vem passando por significativas mudanças, o que determina um “ponto de mutação” capaz de suplantar essa forma de ver e interpretar o mundo.

Pode-se estruturar a prática pedagógica alicerçada em uma nova visão transformadora que vê o universo em permanente movimento, uma vez que o universo está em movimento, e se está em movimento, está se constituindo, isto é, se construindo, tanto em nível macro, quanto em micro.

Desse movimento do universo, que é transformação, os importantes são as mudanças qualitativas, e o reconhecimento das diferenças individuais, discutidas primeiramente pela escola nova, na qual o adulto não é mais visto como um modelo completo, por que ele também está em construção, em processo de permanente aprendizagem.

A falta de uma maior reflexão e aprofundamento acerca das diversas teorias pedagógicas constitui-se num dos fatores responsáveis pela apropriação muitas vezes equivocada em se tratando dos aspectos que embasam essas correntes de

pensamento, o que acaba por levar a distorções na prática pedagógica (SOUZA, 1991).

Essa prática pedagógica ainda é encontrada em muitas situações de sala de aula, onde o professor é quem transmite e ensina, e o aluno assimila, aprende. É um modelo de escola que, segundo Bordieus e Passeron, reproduz o status quo, e cristaliza o modelo de sociedade desigual vigente.

2.1 Vygotsky: algumas contribuições

Na obra *A Formação Social da Mente*, Piaget deixa claro que considera muita a herança biológica da criança. E, quando analisa os estágios de desenvolvimento da mesma, diz que são estágios universais, portanto, presentes em todas as crianças. Essa questão foi debatida durante décadas por Piaget e Chomsky, numa discussão interacionista-construtivista contra uma visão racionalista da aquisição das estruturas lingüísticas.

À essa discussão, Vygotsky defende uma abordagem histórico-social que analisa a construção do conhecimento a partir da dinâmica entre pensamento e linguagem VYGOTSKY (1995). Em *Pensamento e Linguagem*, Vygotsky demonstra que a linguagem é um processo fundamentalmente social, e sua relação se dá numa base essencialmente dialética VYGOTSKY (1995). Vygotsky discorre tanto do processo social, quanto da herança biológica; e afirma que o desenvolvimento de uma criança não é idêntico ao de outra, como dizia Piaget.

O desenvolvimento é um complexo processo dialético, caracterizado pela periodicidade no desenvolvimento das diferentes funções metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, entrelaçamento de fatores externos e internos e processos adaptativos VYGOTSKY (1995).

Pensamento e linguagem são conexões, entrelaçamentos, encadeamentos, gênese e amadurecimento, como um todo onde cada aspecto condiciona o outro reciprocamente VYGOTSKY (1995).

A análise das principais idéias desses dois autores é importante na medida em que se quer construir um novo fazer pedagógico capaz de responder com mais qualidade às necessidades atuais.

2.2 Aprendizagem uma categoria escorregadia

O processo de aprendizagem está mudando rapidamente. E ninguém está no comando pleno desta mudança: pais, educadores, alunos... Todos estão envolvidos de uma forma ou de outra nesta mudança radical, mas ninguém em especial está em seu comando.

Pesquisadores estadunidenses afirmam que há cada cinco anos o conhecimento da humanidade é multiplicado.

Apesar de metade de esse conhecimento ser adquirido através de imagens, um quarto através do ouvido, 15% por meio da comunicação social, e 10% pela leitura de impressos, 90% do ensino formal está calcado em livros didáticos e textos impressos.

A isso o pedagogo suíço Christian Doelker chama de “fundamentalismo da escrita”.

Mas, esta forma tradicional de trabalhar o conhecimento está em transição: a mudança é irreversível, assim como foi há cinco séculos, com a invenção da prensa de Gutenberg, o que tornou possível libertar o homem da cultura manuscrita.

Agora o homem se depara com a necessidade premente de utilizar uma nova ferramenta: o computador.

Conectado à Internet ou não, o “admirável mundo novo” da informática deslumbra e amedronta ao mesmo tempo, desafiando a todos e a qualquer um. Navegar em páginas e páginas de informação e entretenimento pode ser a grande vedete da comunicação do século XXI.

Outro fator que intensifica os processos de aprendizagem e conseqüentemente o aumento do chamado rendimento escolar e o fato de crianças ter contato quanto mais cedo possível com o computador. O micro acaba sendo o depositário da esperança do sucesso escolar das crianças; como se isso fosse razão suficiente para enterrar muitas outras preocupações cotidianas que dizem respeito ao processo de aprendizagem.

De outra forma, o computador é utilizado como recurso para preencher horas e horas de ausência de pais de junto dos filhos. E quando a qualidade do ensino se faz sentir mais deficiente, entra novamente a figura do computador, como ferramenta para recuperar a defasagem.

Grandes partes dos professores estão entre os adultos que não tem familiaridade com o computador – pois são da geração do “Não mexe aí que estraga!”, por isso quando um adulto senta diante de um computador, fica pensando nas conseqüências de um comando errado. As crianças não. Elas vão experimentando guiadas pela intuição, assimilando assim os rudimentos da tecnologia enquanto observam atentamente o mundo ao seu redor.

A psicopedagogia aprova a prática em computadores desde cedo, uma vez que a tela colorida dos micros fascina as crianças despertando-lhe o interesse de saber cada vez mais. Sem forçar nada, os pais podem iniciar o aprendizado. E neste campo não se pode subestimar a capacidade de aprendizagem das crianças, que revelam a cada clic do mouse.

Na lista de prioridade, muitos pais colocam o computador antes mesmo, por exemplo, de cursos de línguas, aparelhos ortodônticos, etc. O computador está sendo comparado como a escola que preparará para o mercado de trabalho futuro.

2.3 Internet e os processos educativos

Sem dúvida a nossa sociedade está muito modificada se comparada com aquela de algumas décadas atrás. Estima-se que o conhecimento adquirido no último século foi equivalente àquele obtido durante toda a história da humanidade.

Que conseqüências isso tem para as pessoas? Nosso mundo é dinâmico, mas para estarmos adaptados a ele precisamos cada vez mais ter noção do conhecimento geral acumulado e estar aptos para assimilar, em velocidade cada vez maior, conhecimentos específicos importantes para nossas profissões, que estão se transformando, surgindo e desaparecendo de maneira surpreendente.

E, os nossos alunos? Estão vivendo nesse turbilhão, expostos a uma mídia muitas vezes sem escrúpulos, sem valores éticos e morais, mas que incutem suas mensagens com a ajuda das tecnologias. Porém, não se pode negar que dentro dessa parafernália existem iniciativas louváveis, que conseguem ao mesmo tempo cativar nossos alunos e transmitir mensagens educativas. Contudo, esse dinamismo em geral passa longe das salas de aula. Escolas e professores têm de competir com esse mundo superficial de distrações para despertar interesses e motivar os alunos.

E, os professores? Responsáveis pela preparação de novos cidadãos precisam ter condições de repensar os currículos quase que anualmente para

adaptá-los às novas realidades. A tecnologia não é imprescindível para esse repensar da educação, porém, ela pode facilitar o processo. As novas diretrizes da educação brasileira indicam esforços nesse sentido. Pelo simples fato de se agregar tecnologia à educação, já se tira a inércia do processo educacional. Como consequência, aparece naturalmente uma valorização do ensino e em particular o papel do professor junto à sociedade.

Na sociedade contemporânea e na educação, o desenvolvimento tecnológico trouxe inúmeras transformações na sociedade, principalmente nas duas últimas décadas. Hoje são possíveis realizações que há poucos anos atrás, faziam parte apenas do mundo da ficção: viagens espaciais, discagens telefônicas entre continentes, pagamentos e retiradas de dinheiro em caixas eletrônicos, exames clínicos de alta precisão, robôs que constroem outros robôs...

Cada vez mais a linguagem cultural inclui o uso de diversos recursos tecnológicos para produzir processos comunicativos, utilizando-se de diferentes códigos de significação. Além dos meios gráficos, inúmeros meios audiovisuais e multimídia disponibilizam dados e informações, permitindo novas formas de comunicação. As tecnologias da comunicação, além de serem veículos de informação, possibilitam novas formas de ordenação da experiência humana, com múltiplos reflexos, particularmente na cognição e na atuação humana sobre o meio e sobre si mesmo.

As Tecnologias de informação e comunicação multiplicaram enormemente as possibilidades de pesquisa e informação e os equipamentos interativos e multimídia colocam a disposição dos alunos um manancial inesgotável de informação. A experiência tem demonstrado que a tecnologia mais avançada não tem qualquer utilidade para a educação se o ensino não estiver adaptado à sua utilização. É preciso elaborar conteúdos programáticos que façam com que estas tecnologias se tornem verdadeiros instrumentos de ensino, o que pressupõe da parte dos professores, vontade de questionar e rever suas práticas pedagógicas.

Contrariamente ao medo da robotização das escolas, o que acontecerá com a informatização escolar, será uma mudança na postura dos professores que serão mais mediadores do que qualquer outra coisa. Os alunos continuarão a frequentar as aulas, a fazer perguntas, a fazer trabalhos individuais ou em grupos, a fazer tarefas em casa. Não se pode mais esperar para fazer com que os professores despertem para essa nova realidade das escolas e estejam preparados para receber

as novas tecnologias de informação e comunicação, que vieram não para excluir, mas para incrementar outros recursos educacionais no processo de ensino aprendizagem.

Por que tanta curiosidade e atração pela Internet? Que fenômeno é este que está provocando uma revolução nas famílias, no comércio, nos grupos sociais, nas escolas? Mal saída do nascedouro, a Internet foi incrementada com a WWW, acrônimo de World Wide Web, e virou o mundo da informação e da comunicação.

Talvez, nem mesmo os idealizadores da primeira rede, a DARPA, depois ARPANET, poderiam visualizar quão longe chegariam as consequências dessa ação. Aliás, os desdobramentos disso tudo ainda prometem muitas mudanças no modus vivendi das pessoas em geral.

A cada dia, a web, com sua interface multimídia, conecta mais e mais computadores, proporcionando-lhe acesso instantâneo ao mundo da informação e comunicação. Há uma nova ordem social que desponta baseada no conhecimento que deve ser visto como constitutivo e princípio geral de organização social, denominada sociedade do conhecimento, considerado como sendo a capacidade de proceder, de dar arrancada para uma determinada ação.

A Internet veio para ficar. Ela não é moda passageira que o tempo pode apagar. Com aplicação em todas as áreas do conhecimento, cresce aceleradamente o número de seus usuários, e atua sobre eles como um poderoso talismã. Com sua força interconectiva espalhou seus tentáculos por todos os países, e mudou a vida de milhões de pessoas.

Na educação, principalmente nas universidades, a Internet esta cada vez mais presente, mudando a prática de alunos e professores. Sua utilização já se expande para ambientes de discussão on line, debates acadêmicos, correios eletrônicos, chats, pesquisa, teleconferências. É cada vez maior o número de ambientes virtuais frequentados on line, já que a interação se realiza através de computadores conectados à Internet.

No entanto, são tímidas as iniciativas que fazem uso total dos ambientes virtuais em substituição aos ambientes tradicionais. A maioria das pessoas ainda utiliza os ambientes virtuais oferecidos pela web como recurso adicional.

Estar disposto a aprender a vida toda fará parte das boas maneiras, e seu veículo mais importante poderá ser a Internet, onde a interatividade e a matéria independem do tempo e do espaço.

Os instrumentos psicológicos são aqueles produzidos pelos seres humanos cujo uso serve para ordenar e reposicionar externamente a informação, utilizando modo que o sujeito possa escapar da ditadura do aqui e agora, utilizando sua inteligência, memória e atenção VYGOTSKY (1995).

Em contato com o conhecimento, essas novas tecnologias deverão alterar substancialmente as disposições pedagógicas e didáticas, a começar pela forma de apresentação dos conteúdos, que não é linear como nos livros.

Apesar disso, podemos perguntar: por que devemos limitar as fronteiras da aprendizagem se ela pode ser efetuada on line pela WWW?

Os novos espaços virtuais de aprendizagem além de atravessar fronteiras redimensionam o layout do ambiente de estudo, passando da sala de aula onde os alunos se enfileiram um atrás do outro e passando todos para a primeira fila.

Isto traz algumas consequências para alunos e professores: para os primeiros, a capacidade de lidar com multimídia e de gerenciar o conhecimento sob sua própria responsabilidade; aos segundos, a capacidade de estruturação da matéria de outra forma, colocando o aluno realmente no centro do processo, e mediando conhecimento e aluno na medida do necessário.

A Internet está presente como mecanismo gerador dessa fragilidade instalada paradoxalmente pela ciência e pela técnica. As dúvidas geradas por essa fragilidade são decorrentes do modo de procedimento representantes das instituições que já não estão seguras de sua capacidade de assegurar a ordem social.

O conhecimento levou à invenção de muitos artefatos tecnológicos que resultaram no que é hoje o fenômeno da desterritorialização de sensibilidades, da globalização de conflitos, da conexão ampla e irrestrita, da consolidação da aldeia global, de MacLuhan, da democratização do saber, em movimentos de simultaneidade do acesso à informação e comunicação.

2.4 Comunicação através da WEB 2.0

Vive-se numa época de reconquistas: agora liderados por uma geração de jovens visionários instalados em sofisticados escritórios e conectados ao mundo por poderosos chips que enviam e recebem documentos em tempo quase real de qualquer para qualquer lugar do mundo. Com equipamentos de última geração

estamos sendo ligados gradativamente à grande teia da informação e comunicação: a Word Wide Web, ou simplesmente WWW.

A velocidade dessas formas de conquista e reconquista do mundo tem sido acelerada á semelhando de um corpo que cai, ou seja: a distância entre as respectivas formas de conquista, ou de descoberta e redescoberta do mundo - se assim preferirem chamar – foi sendo cada vez mais reduzida. Saímos, por assim dizer de um largo para um estreito espaço de tempo que separa estes eventos.

E a WWW continua a acelerar esta velocidade, tendo em vista a invenção de chips e softwares mais poderosos e de bandas mais compatíveis com o volume de informações e comunicação, confirmando a previsão de Gordon Moore, de que a cada 02 anos dobra a capacidade de operação destes novos equipamentos. Gates Bill (1995, p. 117) afirma que:a construção da estrada será um trabalho imenso. Exigirá a instalação não só de infraestrutura física, como dos cabos de fibra ótica e de centrais de comutação e servidores de alta velocidade, e também de o desenvolvimento das plataformas de software.

A partir do surgimento da Internet e especialmente da WWW, e com a criação de programas de informatização das escolas, abriu-se para professores e alunos a grande possibilidade de informação e comunicação, espaço inigualável para acessar ao conhecimento produzido pela humanidade.

Internet pode ajudar o professor a preparar melhor a sua aula, a ampliar as formas de lecionar, a modificar o processo de avaliação e de comunicação com o aluno e com os seus colegas. Pode ter acesso aos últimos artigos publicados, às notícias mais recentes sobre o tema que vai tratar, pode pedir ajuda aos seus colegas – conhecidos e desconhecidos – sobre a melhor maneira de trabalhar aquele assunto com seus estudantes (MORAN, 1997).

No entanto, não podemos dizer que uma escola esteja devidamente integrada à web e tenha acesso instantâneo a qualquer informação que necessite, somente por ter uma dúzia de computadores instalados e conectados. Muitos problemas precisarão ser equacionados: softwares mais potentes e atualizados suportes técnico imediato e eficiente, barateamento do custo benefício da conexão com a rede.

A par disso, some-se a necessidade de capacitação constante, ou continuada para profissionais da educação a fim de criar uma cultura tecnológica ampla e irrestrita, que possibilite aos alunos o benefício de aulas atraentes, dinâmica e

criativas, capazes de desafiar as mentes mais indiferentes. Isso levará à criação de ambientes tecno-cognitivos capazes de elevar a qualidade do processo ensino aprendizagem.

São bons os presságios do futuro das autoestradas da informação e comunicação, muito embora, ainda precisemos algum tempo e muitas gerações de tecnologias de transição que nos trarão novos equipamentos e possibilidades. Infantaria, cavalaria, caravelas e softwares e fibras óticas: todos de uma forma ou de outra contribuíram e continuam a contribuir para com a construção de autoestradas da informação e comunicação ligando a tudo e a todos à teia mundial do conhecimento.

Cabe a cada um tomar para si o desafio de percorrer as atuais autoestradas da informação e comunicação desvendando-lhe o segredo de seu funcionamento e extraindo disso a compreensão de como podemos continuar construindo e socializando democraticamente o saber.

2.4.1 Processo de ensino-aprendizagem em rede

Conhecimento crítico: é disso que as pessoas precisam para construir uma base mínima de cidadania e bem-estar social. Mas, o que significa ter conhecimento crítico? Em que implica ter criticidade? Não é assim tão fácil responder, mas alguns fatores nos ajudarão a elucidar a questão.

A capacidade de ler nas entrelinhas, e interpretar o posto e o pressuposto, o entendido e o subentendido, o dito e o não dito, o objetivo e o subjetivo, as intenções que subjazem ao texto – aqui entendido como algo constituído não somente de palavras – a capacidade de analisar fatos sem que seja necessário ater-se a teorias preconcebidas, enfim, são alguns critérios que poderiam apontar para a presença de senso crítico – matéria-prima para a cidadania. E, cidadão consciente é figura um tanto ou muito ausente nos dias atuais.

O fato de estabelecer se há ou não conhecimento, pois, é uma questão de contexto relacional, em que há mudanças estruturais de causa e efeito, pois é em relação ao efeito esperado que se avalie as respostas. Neste sentido, Maturana & Varela (2001, p.192) sustentam que: [] É importante perceber que atualmente tendemos a considerar a aprendizagem e a memória como fenômenos de mudança

de comportamento que acontecem quando se "capta" ou quando se recebe algo vindo do meio.

Então, continua o mesmo autor: "... movemo-nos mais e mais para perto dos fenômenos que, no cotidiano, designamos como atos do conhecimento".

O que se depreende disso é que ao interagir de modo recorrente os sujeitos estabelecem entre si acoplamentos estruturais nos quais se envolvem reciprocamente reafirmando suas autopoieses. Esses comportamentos, tomados como semânticos, e chipados à teia mundial estabelecem parâmetros para o domínio linguístico dos sujeitos que vão além dos limites da palavra.

A Internet tem-se tornado um ambiente interacional privilegiado, capaz de provocar mudanças profundas no comportamento estrutural social, derrubando barreiras geográficas, culturais, religiosas, e abrindo perspectivas para concretização da chamada aldeia global de MacLuhan.

Isso tudo para aproximar as pessoas dos eventos do cotidiano, e interpretá-los de forma que se possa tirar disso lições para aprimoramento do senso crítico, o acesso à Internet, é condição sine qua non para as futuras gerações, dado que não nos satisfazemos mais apenas com palavras. E neste ponto coloca-se uma questão crítica: em tempo algum a humanidade teve tanta tecnologia, tantos equipamentos, tanto poderio, quanto hoje. No entanto, nunca as diferenças sociais estiveram tão acentuadas. Para onde caminhamos?

Maturana & Varela, (2001, p. 264) aborda que a teia do conhecimento poderá oferecer aos alunos oportunidade para construir-se enquanto sujeitos aprendentes, maleáveis, ensináveis predispostos ao novo, audaciosos; mas, também, curiosos e investigativos a ponto de não se conformar com o já conhecido, com o estável e confortável, dado que:

[...] Estamos continuamente imersos nesse circular de uma interação a outra, cujos resultados dependem da história. Todo fazer leva a outro fazer: é o círculo cognitivo que caracteriza nosso ser, num processo cuja realização está imersa no modo de ser autônomo do ser vivo. Maturana & Varela, (2001, p. 264)

A porta que se abre na teia mundial pode ser uma via de construção da autonomia, possibilitando às crianças criarem coisas sozinhas muito mais cedo.

Embora plugado ao mundo fantástico da web, não significa que o aluno esteja construindo conhecimento novo. Para isso é necessária a presença de um mediador eficiente e eficaz, capaz de promover uma articulação entre os conceitos do cotidiano e os conceitos científicos. Cabe ao professor a função de estabelecer uma ponte segura entre esses dois ambientes. E nesse sentido o professor terá que navegar adiante, conhecendo novas ferramentas, novos endereços de sites que possam ser aproveitados pedagogicamente.

Hoje os alunos estão mais predispostos à investigação virtual que o próprio professor em termos de conhecimento de ambientes interacionais da rede, tais como programas de bate-papo, discussão em grupos, visita a endereços virtuais, principalmente produção e compartilhamento de vídeos.

Os alunos de hoje tem na teia mundial uma oportunidade ilimitada de crescimento intelectual – desde que haja uma boa mediação entre eles e a enxurrada de informações que abarrotam os sites da rede - o que contribuirá decisivamente com a formação do senso crítico, da capacidade analítica e da formação da cidadania.

2.4.2 O processo de implementação tecnológica nas escolas

Até mesmo os dirigentes de escolas mais tradicionais, renderam-se aos apelos dos pais, e introduziram a informática no currículo escolar. Essa iniciativa tem a força impulsora de dois setores: o mercado, cada vez mais exigente em termos de mão-de-obra especializada, e os pais, preocupados com o futuro profissional dos seus filhos.

O universo da informática é o momentum responsável por uma nova dinâmica pedagógica, à qual creditam os pais a elevação da qualidade do ensino, tanto que há uma disputa maior pelas vagas das escolas que possuem sala informatizada. E isso demonstra que os pais acreditam que, quanto mais perto estiverem os filhos deste universo tecnológico, maior a garantia de uma educação moderna.

Vale refletir, no entanto, se pode ser chamada de informatizada uma escola que têm dez computadores em sala de informática e mil, mil e quinhentos, dois mil alunos na matrícula; numa relação aluno-computador, sem dúvida muito parcial, embora se saiba que não é o número em si de computadores na escola que faz a qualidade do ensino.

Há, ainda, necessidade de ser a escola criativa o bastante para incorporar o computador ao seu projeto político-pedagógico, como ferramenta que auxilia no processo de aprendizagem, e não apenas como instrumento burocrático.

Neste sentido, é preciso acrescentar que, juntamente com o computador, chega a Internet, a mais nova ferramenta pedagógica, responsável pela conexão das instituições escolares à grande teia da comunicação. Algumas questões cujas respostas são urgentes: Como se posicionar frente a esta nova realidade? Como ser um mediador eficaz e eficiente entre o espantoso volume de informação veiculado na rede e o aluno? Como motivar o aluno para a criatividade, a auto/descoberta, a produção do novo, a apropriação de conceitos, o conhecimento?

De nada adianta uma sala de informática se a escola não tiver definido claramente em seu projeto pedagógico e, conseqüentemente no seu currículo, uma metodologia adequada para a utilização pedagógica das tecnologias aplicadas à educação.

O uso do computador representa uma nova e diferente maneira de lidar com o trabalho pedagógico, mas isso não é o suficiente. É preciso que a escola tenha bons professores; significa dizer que dominem aplicativos e programas da informática e que estejam plugados à Internet; condição indispensável para permanecer na condição de mediador entre a informação e o conhecimento.

E se considerarmos que o computador é associado à inteligência, rapidez, precocidade, genialidade matemática e competitividade, têm-se aí mais uma forte razão para esperar das crianças desta e das futuras gerações muito mais qualidade no processo de aprendizagem. As crianças, por sua vez, entram na parada dominando o micro como se ele fosse velho conhecido, pois já manuseiam controles remotos de diferentes equipamentos, joys sticks de videogames, telefone celular... botões e mais botões que são a ojeriza de grande parte dos pais. Essas crianças não têm medo de mexer, põem o dedo, e pronto.

É preciso que se reflita intensamente sobre uma pergunta que perpassa a cabeça de todos enquanto produção coletiva: o que o computador e a Internet podem acrescentar à aprendizagem dos alunos?

2 .4.3 Possibilidades da web 2.0 e o papel do professor

A Internet é a maior rede de computadores do mundo. Hoje ela reúne todos os saberes adquiridos pela humanidade permitindo que, em tempo real, tudo seja informado, explicado, comercializado e discutido.

No final da década de 1960, o Departamento de Defesa dos EUA, deu início a Internet, que consiste em milhares de redes conectadas para compartilhar informações. Cada governo, companhia ou organização é responsável pela manutenção da sua própria rede na Internet. A rede cresceu rapidamente, e se expande cada vez mais, conseguindo a atenção do público. A Internet é viva, pulsante e torna-se cada vez mais inteligente.

O refinamento dos meios de busca, os programas para transmissão de dados específicos permitem que o homem sobreviva (física e culturalmente) através da rede mundial de computadores.

É a mídia completa, absolutamente indispensável e capaz de gerir-se e à humanidade, mas que os outros meios hoje têm um papel primordial, fundamental, não devendo em hipótese alguma ser abandonados ou subestimados. Ela na verdade é o estudo e aplicação das inúmeras possibilidades que se apresentam por todos os meios disponíveis. Já está superando outras mídias e dirige-se para as escolas.

É, portanto, urgente e necessário aproveitar o interesse crescente dos jovens pela Internet para passar a usá-la num contexto educativo. A utilização pedagógica da Internet é um desafio que professores e escolas estarão enfrentando, pois ela apresenta uma concepção socializadora da informação e, poderá conduzir a uma crescente homogeneização da cultura de forma geral e é, ainda, um canal de construção do conhecimento a partir da transformação das informações pelos alunos e professores.

A Internet é um sistema de dimensões gigantescas, que abrange todo o mundo e que tem potencialidades surpreendentes. No passado, a Internet era povoada apenas por estudantes, acadêmicos, militares e fanáticos por computadores. Com o aparecimento da Web 2.0 no início dos anos 90, começou a ser mais simples o acesso às informações contidas na Internet, com o internauta interagindo e contribuindo através de informações contidas em seus hipertextos, Araújo (2011) comenta que:

É justamente essa participação ativa do internauta e sua interação com o conteúdo que constitui uma das principais características da terceira geração da hipertextualidade. Muitas das práticas de linguagem materializadas na web 2.0 devem sua existência à natureza convidativa do ambiente, que de certa forma parece impelir o internauta à intervenção, à manipulação do conteúdo e ao desenvolvimento de si mesmo como coautor dentro do universo digital ARAÚJO (2011 p.3).

Fisicamente, a web pode ser definida como um conjunto de interligações voluntárias entre redes. Suporta milhões de documentos, recursos, bases de dados e uma variedade de métodos de comunicação e se bem aproveitada, pode ser uma excelente ferramenta para melhorar a educação e a comunicação dos últimos tempos, porém, é possível prever que as escolas vão ter que estar mais bem equipadas e os professores mais preparados.

Os professores estão sendo convocados para entrar neste novo processo de ensino e aprendizagem, nesta nova cultura educacional, onde os meios eletrônicos de comunicação são a base para o compartilhamento de idéias e ideais em projetos colaborativos.

Esta nova ferramenta introduz algumas questões: por exemplo, como a Internet pode ser integrada aos trabalhos e projetos escolares? Onde pode ser encontrada a informação relevante? Como podemos ter a certeza da veracidade, da cientificidade da informação e/ou assunto pesquisado?

Ferretti (1994, p.185) diz que:

(...) o papel das informações, na atualidade, tem se tornado cada vez mais importante. Todas as atividades humanas necessitam se apoiar numa base de informações confiáveis e, se possível, cada vez mais completa e são afetadas quando essa base passa a ser objeto de disputa e elementos para a reprodução das desigualdades sociais. A disponibilidade destes recursos deve integrar a falta de reivindicações por uma sociedade mais justa e igualitária.

A Internet tem cada vez mais atingido o sistema educacional e as escolas. As redes são utilizadas no processo pedagógico para romper as paredes da escola, bem como para que aluno e professor possam conhecer o mundo, novas realidades,

culturas diferentes, desenvolvendo a aprendizagem através do intercâmbio e aprendizado colaborativo.

A Internet funciona como um estopim para o início da interação efetiva entre professores, gerando com isso propostas e trabalhos interdisciplinares que levam a um sistema de ensino menos compartimentado. Faz uma ligação da escola com o mundo exterior e aumenta a comunicação com os pais e a comunidade. Transforma a escola em produtora de conhecimento, retirando-a de seu papel de simples receptora.

Do ponto de vista dos alunos, as mudanças são radicais. Quando eles trabalham por projetos ou buscando informações na Internet, constroem seu conhecimento por meio de problemas da vida real. Usam as mesmas ferramentas que os profissionais de diversas áreas. Eles têm consciência da importância que a sociedade dá a essa habilidade. O aluno deixa de ser um receptor passivo de informações e passa a ter um papel ativo. Tudo isso traz motivação e autoestima indispensáveis para o processo de construção do conhecimento e de ensino-aprendizagem.

A Internet contribui de forma diferente de outras ferramentas educacionais no que se refere a:

Capacidade de desenvolver raciocínios mais complexos: os alunos encontram problemas reais e se envolvem contribuindo para a sua solução;

Maior senso crítico: os alunos percebem que existem diversos pontos de vista para os mesmos assuntos;

Capacidade de comunicação: os alunos participam ativamente de projetos, expressam e defendem suas idéias, procuram entender outras culturas e se fazer entender;

Visão menos compartimentada do conhecimento: os alunos navegam pelo hiperespaço, onde o conhecimento não é separado por disciplinas;

Integração com ao mercado de trabalho: jovens que aprendem a utilizar a Internet realizam melhor suas tarefas profissionais.

A utilização da Internet nas escolas pode ser vista como uma extensão da utilização de outros meios de comunicação no passado e no presente. Muitos professores utilizaram jornais, recortes, revistas para desenvolver a capacidade de interpretação e a habilidade do aluno para selecionar assuntos de interesse.

Agora, os professores podem, através da Internet, realizar atividades semelhantes, mas com muito mais potencialidades. Podem com o auxílio da Internet, estudar culturas diferentes, discutir e debater problemas sociais, consultar cientistas e autores, procurar informações sobre assuntos específicos, publicar textos, periódicos, jornais, resultados de pesquisas, estatísticas.

É necessário, portanto, analisar se os recursos aportados pelas novas tecnologias para captar, tratar, organizar, sistematizar, conservar e transmitir as informações, estão realmente potenciando os sentidos dos seus usuários FERRETTI (1994).

A Internet também tem seu lado negativo e perigoso. Uma estrutura deste tipo gera também informações e serviços perfeitamente supérfluos. É evidente que um recurso deste nível desperta igualmente a atenção do mundo do crime, das drogas, das seitas religiosas e outros perigos, para os quais se devem estar permanentemente alerta.

Esta tecnologia irá mudar o enfoque do processo educativo para o qual os utilizadores terão um crescimento intelectual e profissional de acordo com seus objetivos. A Internet na escola funciona como catalisadora de mudanças e o professor têm ganhado em motivação e autoestima, na sua valorização como profissional, estabelecendo contato com o mundo fora da escola e aprimorando os conhecimentos cada vez mais necessários.

Diante dos prós e contra, a escola deve estar alerta. Deve saber empregar essa ferramenta com sensatez, com eficiência e adequadamente, ou seja, empregá-la como apoio pedagógico para que não se torne apenas mais um recurso sem valor.

E abrem-se também novas perspectivas de trabalho para os profissionais em educação em EAD como, por exemplo, produção de materiais que compreende todas as mídias, inclusive concepções de ambientes pedagógicos para sistemas de apoio a aprendizagem, etc.

Nada impressiona mais do que saber que a revolução da informação está fazendo vítimas em quantidade cada vez maior e em todos os lugares. Entre essas vítimas, encontram-se muitos profissionais da educação que ainda resistem, aplicando uma abordagem tradicional em sua atuação pedagógica em ambientes educacionais. Uma das causas desse comportamento profissional é a resistência ao novo ao diferentes, ao criativo; e a certeza de que continuando na prática tradicional,

não haverá desestabilização nas suas aulas. E tudo segue seu ritmo sem turbulências, sem incômodos, sem uma reflexão maior, sem estresse.

A mudança da prática tradicional constitui-se num desafio para o professor, apesar dele fundar-se na teoria de que a mudança só é possível se o professor mudar suas crenças pessoais. Mas aos poucos a tecnologia vai ocupando seu lugar no aprendizado do professor e instala-se. É preciso ter claro que não há mais espaço para a inércia e a indiferença frente à tecnologia em ambiente educacional. E que o professor precisa estar continuamente aprendendo o novo para manter-se na vanguarda do processo ensino aprendizagem, sob pena de ver-se em condição inferior à de alunos que curiosos, ousados, experimentadores, desafiadores de si e dos professores.

A dimensão de educação abrange um universo muito maior do que meramente apenas o mercado de trabalho. A educação deve preparar o sujeito para a vida, para que este sujeito desenvolva habilidades que possam resolver situações novas, ou seja, criar novas possibilidades de trabalho. O professor é o mediador que prepara para a cidadania, para a vida, mas também para o mercado. Como mediador é responsável direto pela preparação de gerações que estejam dispostas a construir uma sociedade mais justa, democrática e solidária. Barbosa (1991, p.65) afirma que:

[...] É preciso saber que a sua prática depende da atitude que cada educador deve tomar frente ao conhecimento, despedindo-se de toda postura positivista que o tem caracterizado neste século, superando o parcelamento do saber em busca da objetividade necessária que possibilite a compreensão global da realidade. É preciso entender, também, que o conhecimento interdisciplinar não se restringe à sala de aula, mas ultrapassa os limites do saber escolar e se fortalece na medida em que ganha a amplitude da vida social.

É importante, ainda, ter claro que é mediante capacitação teórico-epistemologia continuada que o professor pode compreender como se dá a construção dos saberes a partir das práticas sociais, lúdicas e culturais mais amplas. Isso permite a elaboração de programas adequados técnica e didaticamente de modo a desenvolver conceitos diversos.

Neste sentido, o professor, aprendiz do futuro, precisa voltar seu olhar para o horizonte da interdisciplinaridade, e de forma holística construir procedimentos

pedagógicos não dualistas, não fragmentados, capazes de desafiar os alunos a buscar elaborar e reelaborar continuamente os seus conceitos, refazendo-os a partir da realidade imediata, e atuando na área do seu potencial ativo e possível. Em outras palavras, o professor, aprendiz e mediador precisam assumir posição desafiante frente ao aluno, atraindo-o para a experimentação, a demonstração, a produção a criação.

2 4.4 Habilidades necessárias para o profissional da educação

Com o progresso da ciência, apareceram novas máquinas, equipamentos e materiais que estão colocados a serviço da aprendizagem. Numa nova sociedade de informações e de entretenimentos, imersa numa tecnologia multimídia em transformação, o conhecimento e a informação não vêm meramente na forma de impresso e palavras, mas também através de imagens, sons e material multimídia.

Surgem novas referências culturais com a necessidade do domínio de códigos diferentes para leituras e interação com a realidade, onde a capacidade de inovação e a produção de novos conhecimentos exigem muito mais do sistema educacional.

O impacto na sociedade de hoje das novas tecnologias é relevante, e em particular em contextos educativos, pois, passa pela diversificação dos discursos e das práticas, à modernização dos processos pedagógicos.

Já não basta que os professores se limitem a transmitir conhecimentos aos alunos, é preciso também ensiná-los a pesquisar e a relacionar entre si diversas informações, revelando espírito crítico. Na verdade, as novas tecnologias e os novos espaços culturais requerem que repensemos a educação em sua totalidade, o que abrange o papel do professor, as relações professor-alunos, o ensino em sala de aula, o testar e o classificar, o valor e as limitações dos livros, da multimídia e dos demais materiais de ensino, bem como os objetivos da própria educação.

Trata-se de uma nova maneira de trabalhar a informação, substituindo o aprender a fazer para aprendê-lo a aprender, pois o professor não é mais o detentor de todo o conhecimento que os alunos devem adquirir. Ele faz parte do processo como um condutor e vai aprendendo junto com os alunos.

Para que o professor possa ultrapassar os obstáculos técnicos e assimilar uma série de informações, é necessário que ele adquira conhecimento geral sobre

computadores e redes, adquira cultura tecnológica, noções básicas da estrutura da Internet, para poder se sentir a vontade com a utilização e potencialidades dos recursos tecnológicos e só assim ele terá o controle do processo educativo, só assim ele poderá guiar os alunos no novo mundo da informação, ajudando-os a construir e adquirir novos conhecimentos.

É urgente, pois, fazer da escola um local moderno, que além da existência do professor, dos alunos, das mesas e cadeiras, dos livros e quadro de giz, exista também a presença de meios de comunicação diversificados, ou seja, equipamentos de vídeo, áudio e informática.

Só assim, a comunidade escolar, professores e alunos, terão acesso personalizado a fontes diversificadas de conhecimento, de análise, de reflexão crítica, sendo capacitados desde logo para aceder, selecionar e utilizar qualquer tipo de informação. Litwin (1997, p.189):

[...] “Reconhece-se que nós mesmos, docentes, enriquecemos nosso trabalho ao compartilhá-lo com os demais; que para levá-lo a cabo necessitamos de nossos apontamentos e nossos livros; que para apresentar certos tipos de informação fazemos uso de organizadores gráficos; que continuamos “aprendendo a aprender” à medida que elaboramos informes e atividades apresentamos nossas experiências de aula a outros docentes ou elaboramos projetos de trabalho, e que os anos de trabalho, a avaliação de nossa prática docente e a reflexão sobre elas nos faz cada vez mais peritos em questões de ensino, então estes princípios podem e devem se refletir em nossas práticas de ensino”. Litwin (1997, p.189):

Será através da construção do próprio saber que se efetuarão aprendizagens mais significativas e deste modo, o aumento do sucesso educativo.

Com o desenvolvimento de novos meios de difusão, a informação deixou de ser veiculada pelo professor na escola. Mas informação não é conhecimento e o aluno continua a necessitar da orientação do professor, no seu papel de agente de mudanças, de facilitador do processo de ensino aprendizagem. Nada pode substituir o diálogo pedagógico.

Certamente que o professor já não pode, numa sociedade de informação, limitar-se a transmitir o saber. Torna-se de algum modo, parceiro de um saber coletivo que lhes compete organizar.

Para o estudo com gênero o professor precisa considerar a função social e peculiaridades das esferas de atividades em que os gêneros circulam. Portanto, abordaremos na sequência, gênero na concepção Bakhtiniana que tem a linguagem como fenômeno de interação social.

2.5 Concepção de Gênero em Bakhtin

Para Bakhtin gêneros são tipos de enunciados relativamente estáveis:

Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros dos discursos. Bakhtin (1997 p.280)

Para o autor cada esfera da atividade humana produz seus próprios enunciados, que emergem das recorrências das práticas sociais. Bakhtin classifica os gêneros em primários e secundários, esclarece que:

Importa, nesse ponto, levar em consideração a diferença essencial existente entre o gênero de discurso primário (simples) e o gênero de discurso secundário (complexo). Os gêneros secundários do discurso — o romance, o teatro, o discurso científico, o discurso ideológico, etc. - aparecem em circunstâncias de uma comunicação cultural, mais complexa e relativamente mais evoluída, principalmente escrita: artística, científica, sociopolítica. Bakhtin (1997 p. 282).

Portanto os gêneros primários fazem parte da esfera mais simples das atividades humanas, como a conversa do dia a dia. Os gêneros secundários são constituídos a partir de esferas de atividades mais complexas, como a jurídica e a científica, por exemplo. O autor complementa ainda que:

As formas do gênero às quais modelamos nossa fala se distinguem substancialmente das formas da língua, do ponto de vista de sua estabilidade e de suas leis normativas para o locutor. De um modo geral, elas são mais maleáveis, mais plásticas e mais livres do que as formas da língua. Bakhtin (1997 p.302).

Bakhtin afirma que os gêneros modelam nossa fala, são plásticos quando se adaptam ao contexto de uso mais facilmente pelos interlocutores, diferente da língua em quanto norma gramatical.

Passaremos da concepção de gênero em Bakhtin e utilizaremos gênero como instrumento mediador entre o sujeito e a situação comunicativa, concepção adotada por Dolz; Schneuwly (2004), que trazem uma abordagem didática para o estudo com gênero, estruturando todas as atividades de linguagens em módulos.

3. Sequência Didática

O modelo de sequência didática mais utilizado é o proposto do por Dolz & Schneuwly (2004, p.60), direcionado para o estudo com gêneros orais e escritos. Para os autores, sequências didáticas são um conjunto de atividades escolares estruturadas em módulos, que partem do complexo, passando pelo simples e finalizando com o complexo, considerando as habilidades prévias que devem ser organizadas para alcance dos objetivos de aprendizagem.

(...) um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um gênero textual oral ou escrito. [...] Uma seqüência tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação. Dolz & Schneuwly (2004, p.82 e 83)

A sequência didática deve ser sistemática e considerar conhecimentos prévios dos alunos, cada módulo deve de maneira gradual conduzir para criar habilidades ao aprendiz a escrever ou falar de maneira adequada ao contexto sócio discursivo.

Para o estudo com gêneros a situação comunicativa é ponto de partida, a partir dela escolhemos o gênero adequado a ser utilizado, promovendo a eficácia da interação verbal. Dolz & Schneuwly citam Bakhtin em seu estudo sobre gêneros, reafirmando que cada esfera social elabora tipos relativamente estáveis, e que os três elementos como conteúdo temático-estilo-construção composicional que levam a escolha de um gênero, são determinados pela esfera discursiva. Contudo, ele diz que essa definição deve ser:

(...) complementada e desenvolvida: há visivelmente um sujeito, o locutor-enunciador, que age discursivamente (falar/escrever), numa situação definida por uma série de parâmetros, com a ajuda de

um instrumento que aqui é um gênero”. Dolz & Schneuwly (2004, p.24).

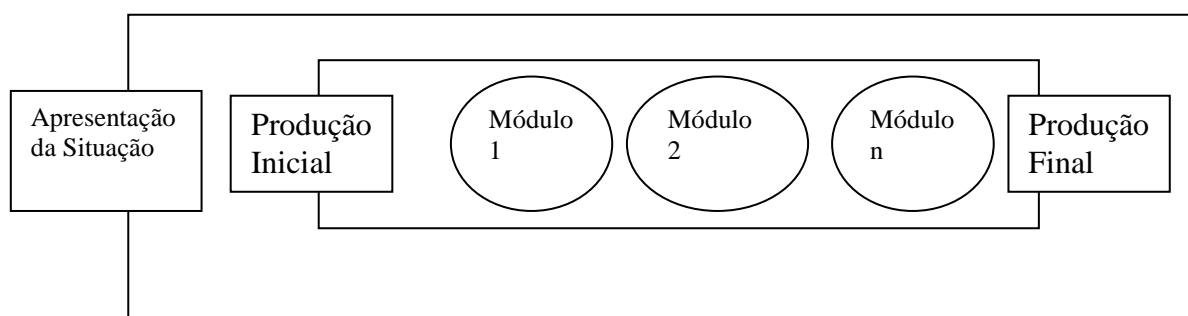
Para os autores a atividade comunicativa tem um esquema tripolar, ou seja, a relação do instrumento (gênero) como mediador entre o sujeito e a situação comunicativa. Portanto, gêneros são instrumentos mediadores entre o sujeito e as atividades de linguagem.

Nessa perspectiva, Dolz; Schneuwly (2004, p.60) afirmam que o trabalho com gênero:

(...) possibilita a produção de um projeto didático-metodológico de ensino que considera os obstáculos típicos da aprendizagem e as novas etapas pelas quais os alunos possam passar, o que fornecerá aos professores orientações de como e o que trabalhar de acordo com restrições, níveis e situações concretas de ensino.

Partindo dos conhecimentos prévios dos alunos elabora-se a sequência didática. Considerando as dificuldades da produção inicial se organizam os módulos e conclui-se com uma produção final do gênero. Abaixo trazemos o modelo de sequência didática adotado por Dolz & Schneuwly.

Figura 01 - Esquema de Sequência Didática Dolz & Schneuwly (2004, p.83)



Inicia-se a sequência didática pela apresentação da situação esclarecendo os pontos do trabalho a ser executado sobre gêneros textuais. Logo após temos a produção inicial, essa etapa é fundamental, pois a partir das dificuldades encontradas na primeira produção serão estruturados os módulos. Nessa produção o professor não atribuirá nota, será exclusivamente para observar os problemas a serem tratados nos módulos.

Os módulos são estruturados no sentido de se trabalhar todas as dificuldades gradualmente, levando os alunos a superar cada etapa do módulo até conseguir executar a produção final.

A produção final deverá considerar todos os pontos trabalhados sobre o gênero e nessa produção o aluno será avaliado com nota. Nesse momento, o professor deverá avaliar observando se os gêneros textuais produzidos pelos alunos atendem as características composicionais desse gênero.

3.1 Sequência Didática para o Gênero Entrevista

Em nossa proposta, iremos trabalhar o gênero Entrevista, apostamos na habilidade dos alunos em compartilhar e produzir vídeos através do youtube. Dessa prática diária de muitos adolescentes na web, encontramos um meio de motivar a aula sobre gêneros, daí escolhemos para produção inicial, as gravações das entrevistas em vídeos, como fator motivador para desenvolvimento das atividades de linguagem. Nesse sentido o professor aproveita conhecimentos prévios e aproxima-se da vivência do aluno (PCNEM).

O estudo com gênero na escola exige a transposição, passando o gênero agora a ser objeto de ensino/aprendizagem, configurando ficticiamente, quando utilizado na escola. Sobre essa transposição Dolz & Schneuwly (2004, p.65), observa:

A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas, ao mesmo tempo, objeto de ensino/aprendizagem Dolz & Schneuwly (2004, p.65)

Nesse sentido, “os gêneros tratados são, então, desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica”. (Dolz & Schneuwly 2004 p. 63). Para tanto é importante que ele circule e o professor leve-o a operar cumprindo sua função na atividade de linguagem. Ainda segundo os autores a “representação do gênero na escola pode, então, ser descrita como segue: trata-se de levar o aluno ao domínio do gênero, exatamente como este funciona (realmente) nas práticas de linguagem de referência”. (Dolz & Schneuwly 2004, p.68)

Abaixo apresentamos a estrutura de nossa sequência didática, adaptada ao modelo proposto por Dolz & Schneuwly (2004), consideramos todas as etapas conforme figura abaixo.

Figura 02 - Sequência Didática Adaptada ao Modelo Dolz & Schneuwly, 2004

| Apresentação da Situação |
|---|
| <p>Informar as 04 aulas sobre o gênero Entrevista Comunicar Produção inicial e Final - Primeira entrevista em vídeo de até 10min. Abordar gêneros como ação social - Gênero Entrevista (Vários slides) Solicitar produção inicial - Entrevista com componentes do grupo em vídeos Receber os vídeos por e-mail, fazer análise e estruturar os módulos</p> |
| Módulo 1 |
| <p>Apresentações dos grupos - 25 minutos Observar os pontos a serem trabalhados Conteúdo temático, estilo e construção composicional Tipos entrevista, postura do entrevistador, adequação fala ao interlocutor (vídeos). Concluir solicitando aos grupos vídeos de entrevistas de empregos e outras Não deveria ter duas entrevistas iguais.</p> |
| Módulo 2 |
| <p>Iniciar com a exposição das entrevistas solicitadas - 30 minutos Observar os pontos que entrevistadores nos vídeos não consideram Trabalhar a forma de redigir a entrevista Apresentar entrevistas com Jô Soares e Marília Gabriela - Postura profissional Produção final - Entrevistar professor ou diretor - Vídeos até 10 minutos c/escrita</p> |
| Produção Final |
| <p>Iniciar com a exposição das entrevistas solicitadas - 10 minutos cada Durante as apresentações não emitir juízo de valor - Comparar produção inicial Relembrar e evidenciar as características estilísticas e estruturais do gênero Recolher as entrevistas escritas dos grupos Informar devolução posterior com as notas e considerações - Agradecimentos</p> |

Observando a função do gênero em sua atividade social, propomos o trabalho com o gênero textual Entrevista, considerando as habilidades dos jovens em compartilhar e produzir vídeos para o youtube. A sequência didática terá uma

produção inicial sem atribuição de nota, com intuito de levantar conhecimentos prévios e estruturar os módulos e, por fim, concluiremos com uma produção final, que consistirá numa entrevista real a professores e o diretor da escola.

Começaremos nivelando os conhecimentos e, para tanto, achamos pertinente uma abordagem inicial de gênero como instrumento de atividade social, em seguida situamos as esfera em que circulam as Entrevistas. Vejamos, no item seguinte, o desenvolvimento da sequência didática para o gênero textual Entrevista.

- **Apresentação da situação – Primeira aula**

A sequência didática começa pela a apresentação da situação, muito importante essa face para delimitar todo o trabalho. Informaremos ao aluno que teremos 04 aulas sobre o gênero Entrevista e uma produção inicial que consiste numa primeira entrevista. Explicaremos que essa primeira produção terá o propósito de levantar as dificuldades da turma e então, estruturar as demais etapas do estudo. Informaremos, ainda, que desenvolveremos mais outras atividades de linguagem que irão apoiá-los na produção final do gênero em questão. Situiremos que só a última produção será avaliada com nota e, ressaltaremos que para melhor desenvolvimento das etapas do estudo, iremos sempre trabalhar em grupos.

Nossa apresentação consistira em abordar inicialmente gênero como instrumento mediador entre sujeito e situação social (Dolz e Schneuwly 2004, p. 23). Apresentaremos alguns domínios discursos, bem como alguns de seus gêneros que medeiam suas atividades sociodiscursivas, com o intuito de evidenciar que (Marcuschi 2005, p.19) os “gêneros textuais são fenômenos históricos, profundamente vinculados à vida cultural e social” dos indivíduos, para tanto, faremos uso de slides, vídeos e e-mails em todas as etapas do estudo.

Após abordagem inicial chegando ao gênero Entrevista, apresentaremos alguns modelos e as características linguísticas de cada um e solicitaremos a produção inicial, que consistirá na produção de uma entrevista pelos grupos.

- **Produção Inicial**

Com base nas entrevistas apresentadas em slides e as informações repassadas durante a apresentação do estudo sobre o gênero entrevista, os grupos produzirão a primeira entrevista. Nessa produção o que precisa ser considerado são os conhecimentos prévios dos alunos para estruturar de maneira eficiente o estudo através dos módulos. Nesse ponto, as habilidades dos alunos com web 2.0 será o suporte para professor alavancar com os estudos de forma dinâmica, motivando os discentes.

O objetivo da produção inicial é verificar o nível da turma em relação conteúdo proposto pela sequência didática, para então estruturar de forma aspiral os módulos, ou seja, sua meta é orientar na organização dos módulos.

Verificaremos se nessa produção o grupo conseguiu desenvolver razoavelmente a entrevista, devendo produzir e gravar as entrevistas com os componentes do próprio grupo de alunos, divididos entre entrevistado e entrevistador.

- **Os Módulos – Segunda e terceira aula**

Receberemos os vídeos das produções iniciais por e-mail, analisaremos e a partir dos problemas encontrados pelos grupos, iniciaremos os módulos. Por ser só um gênero a ser trabalhado, acreditamos que dois módulos serão suficientes para superar as dificuldades encontradas, uma vez que o gênero entrevista é relativamente simples. A redação da escrita será solicitada, porém a abordagem será no segundo módulo.

Iniciaremos o módulo com as apresentações dos grupos, observando os pontos a serem trabalhados e começaremos com o conteúdo temático, estilo e construção composicional que compõem o gênero entrevista. Abordaremos os tipos de entrevista, postura do entrevistador, adequação da fala ao interlocutor. Terminaremos essa aula solicitando aos grupos entrevistas de empregos e outras que eles acham interessante, contudo não deveria ter duas entrevistas iguais.

O segundo e último módulo será iniciado com a exposição das entrevistas solicitadas, faremos algumas anotações que os entrevistadores nos vídeos não tenham considerado e finalizaremos o gênero trabalhando cuidadosamente a forma de redigir. Solicitaremos como produção final, uma entrevista com um professor ou o diretor da escola, devendo ser oral e escrita, gravadas em vídeos. Pediremos que os

vídeos tenham 10 minutos de duração, considerando os 05 grupos, queremos que todos sejam exibidos na última aula.

- **Produção Final – Quarta e última aula**

Iniciaremos a última aula, apresentando os vídeos produzidos pelos alunos, lembrando que essa produção terá nota, tanto a produção oral com vídeo, como a escrita. Durante as apresentações, devemos lembrar e evidenciar as características estilísticas e estruturais que compõem o gênero entrevista, consolidando os conhecimentos.

Após as exposições, recolheremos as entrevistas escritas dos grupos e, informaremos que serão devolvidas com as notas e considerações a serem observadas pelo grupo. Finalizaremos a sequência didática agradecendo o empenho de todos e o sucesso nas atividades.

4. Análise dos Resultados da Sequência Didática

Estruturada em módulos, a sequência didática consiste em trabalhar as dificuldades apresentadas pelos alunos decorrentes de suas produções textuais iniciais. Eliminando essas dificuldades através de módulos, o professor vai desenvolvendo no aluno habilidades para uma produção final satisfatória. A apresentação da situação na sequência é fundamental para informar sobre todo o trabalho a ser desenvolvido. Motivamos a turma apresentando alguns slides, mostrando o gênero como mediador entre o sujeito e a situação (Dolz e Schneuwly, 2004). Consideramos fundamental contextualizar o estudo do gênero, quanto a essa questão os autores corroboram que:

(...) o fato de o gênero continuar a ser uma forma particular de comunicação entre alunos e professores não é, absolutamente, tematizado; os gêneros tratados são, então, desprovidos de qualquer relação com uma situação de comunicação autêntica. Dolz e Schneuwly (2004, p. 65)

É nesse ponto, que entendemos que há necessidade de associar a situação comunicativa autêntica, só ela trará sentido ao estudo com gênero. As entrevistas coletadas na web são reais, os pontos serão destacados durante a apresentação da entrevista e, na produção final, teremos realmente alunos entrevistando.

Atraídos pela situação comunicativa real, unindo ao desafio de fazerem suas próprias entrevistas, iniciamos com a turma a sequência de atividades distribuídas em 04 aulas.

4 1.1 Apresentação da situação

A apresentação da situação na sequência didática é o ponto de partida para uma trajetória que busca atrair o aluno para o estudo de gênero, envolvê-lo no que se pretende ensinar, mostrar as possibilidades do estudo. Nesse momento, informamos à turma os objetivos das 04 aulas sobre o gênero entrevista e, que para tanto, contaremos com a ajuda e habilidades que eles possuem em gravar vídeos. Informamos que todo o trabalho será feito em grupos para equilibrar os conhecimentos, tanto específicos com o gênero, como com as técnicas para gravação do vídeo e coleta na web das entrevistas.

Informaremos da primeira produção que não será atribuída pontuação, será para sondagem dos conhecimentos da turma de forma a estruturar todo o trabalho e, que será necessária a atenção especial para essa primeira apresentação do gênero.

Passadas todas as informações necessárias para que tudo ficasse previamente acordado, iniciamos com 10 slides, com definições de gêneros e a importância desses na mediação entre o sujeito e a situação comunicativa. Mantivemos a função social do gênero sem darmos foco na estrutura composicional, situamos vários domínios discursivos e alguns suportes de gêneros. Evidenciamos que em qualquer situação discursiva, há que se utilizar o gênero, considerando sempre a dimensão do contexto sociodiscursivo em que circula.

Utilizamos 30 minutos da aula e passamos para apresentar algumas características do gênero entrevista pontuando a estrutura composicional, o estilo e o conteúdo temático (BAKHTIN, 2006). Finalizamos solicitando a produção inicial, que consistia em uma entrevista a ser entregue na próxima semana com os componentes do grupo como entrevistador ou entrevistado.

Relembramos que essa primeira produção não terá nota será para levantar as dificuldades, pois o propósito final levantar e sanar as dificuldades, criando habilidades comunicativas. Dolz e Schneuwly (2004, p. 65), explicam que:

O que é visado é o domínio, o mais perfeito possível do gênero correspondente à prática de linguagem para que, assim instrumentado, o aluno possa responder às exigências comunicativas com as quais ele é confrontado, Dolz e Schneuwly (2004, p. 65)

Portanto, a fase da apresentação da situação serve para esclarecer e acordar com os alunos todo o estudo a ser desenvolvido, informando que o propósito final é conseguir que eles alcancem competência comunicativa para as diversas práticas sociais que se apresentem. Acordados todos os pontos com a turma passamos para a produção inicial.

4.1.2 Produção Inicial

Considerando que a produção inicial foi elaborada, a partir de algumas informações sobre entrevistas apresentadas em sala de aula, e dos conhecimentos prévios dos alunos, os primeiros vídeos foram elaborados com bastante comprometimento, preocuparam-se em tentar elaborar o melhor, cercaram-se de informações e consultas a vários vídeos de entrevistas no youtube.

Dos resultados dos vídeos produzidos pela turma, percebemos nesse momento, que o aluno se apropriou de habilidades que havíamos considerado para esse trabalho. Buscaram informações no próprio youtube, observaram várias entrevista e fizeram a própria produção. Sendo autônomo na formação do próprio conhecimento, foram cuidadosos quando observaram a situação de uso e o grau de formalidade exigido na situação comunicativa.

Constatamos o quanto foi importante essa autonomia, primeiro pelo desenvolvimento do próprio aluno na busca de conhecimentos, e segundo, pelo fato da atividade executada ser em grupo, as diferenças nas habilidades individuais foram superadas, esforçaram-se em prol do sucesso da entrevista

Outra observação é que apesar do desenvolvimento da atividade requerer a consulta de uma ferramenta da web – youtube, e, portanto, consulta a internet,

não houve necessidade do acesso da internet na escola, até por que, o acesso na instituição é precário. Os alunos fizeram o acesso em casa, casa de amigos ou lan huse, mais uma vez mostraram autonomia no processo de execução da atividade de linguagem. Percebemos que há alternativas, não podemos deixar de lado a atividade por conta da falta de tecnologia.

Apresentamos em sala de aula, os vídeos enviados por e-mail pelos grupos, utilizamos a ajuda de computador e data show. A apresentação dos vídeos produzidos tornou a aula dinâmica, envolvente, muitos sorrisos e comentários. Outra constatação foi com relação ao tempo para apresentação e em paralelo as anotações feitas sobre as características do gênero em estudo; se essas entrevistas fossem feitas em sala de aula, precisaríamos de mais tempo e ainda, não teríamos o capricho do ambiente em que se realizou a entrevista.

Os pontos que verificamos para uma maior atenção foram com relação às perguntas elaboradas, essas precisaram ser apropriadas ao tema e perguntas embaraçosas. Também a redação da entrevista foi outro ponto observado, contudo, daríamos foco no último módulo. Como acordado anteriormente o trabalho serviu para sondagem e considerações para passarmos para os módulos.

Nesse momento, além de relacionarmos as dificuldades, apontamos os sucessos, atingindo o propósito de uma produção inicial razoável numa sequência didática, que é estruturar os módulos.

4.1.3 Análise dos módulos

Distribuímos as dificuldades encontradas em dois módulos e coletamos na web várias entrevistas, com o intuito de dinamizar as aulas. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.87), os módulos permitem “trabalhar os problemas que aparecem na primeira produção e de dar aos alunos os instrumentos necessários para superá-los”. Iniciamos com a importância de contextualizar as perguntas, não engessar a entrevista, podendo a partir das respostas, elaborarem novas perguntas. Exemplificamos com o vídeo exposto e informamos que a redação da entrevista, seria tratada no módulo seguinte.

Finalizamos a segunda aula, solicitando como atividade, coleta no youtube de entrevistas para vaga de emprego ou outra ficando a critério do grupo, lembramos

que os grupos tomassem o cuidado de não trazerem entrevistas iguais e fizessem cortes, se acaso as entrevistas ultrapassassem os 10 minutos que havíamos estipulado.

O segundo e último módulo exibimos os vídeos que como solicitado alguns eram de entrevista de emprego. Consideramos pertinente, pois essa é uma das expectativas do aluno desse nível de escolaridade. Apresentamos outras entrevistas com personalidades admiradas pelos jovens, nesse momento, aproveitamos para tratar pontos que os entrevistadores não observaram em suas entrevistas. Trabalhamos a escrita considerando pontos como o papel social do interlocutor, a pertinência da pergunta com relação ao tema e a importância de não transcrever algumas falas inadequadas do entrevistado. Na sequência, fizemos uma breve amostra de vídeos dos entrevistadores Jô Soares e Marília Gabriela, apontando estilos diferenciados de bons profissionais.

Terminamos o módulo solicitando a produção final que consistia em uma entrevista com um professor ou diretor da escola, lembramos que essa atividade teria pontuação e deveria ser oral e escrita, limitando o tempo de duração dos vídeos em até 10 minutos. Por fim, disponibilizamos para os alunos o material que foi trabalhado em sala. Segundo Dolz e Schneuwly (2004, p.90), o “registro numa lista que resume tudo que foi adquirido nos módulos”, é muito importante para capitalizar o conteúdo trabalhado.

4.1.4 Produção Final

Relembramos que essa produção seria avaliativa uma vez, que precisaremos avaliar se foram por eles entendidas as noções desenvolvidas nos módulos sobre o gênero entrevista.

Recebêssemos os vídeos com as entrevistas solicitadas anteriormente, todas as produções foram exibidas em sala de aula, nesse momento, procuramos não tecer muitos comentários, fomos genéricos nos comentários, não formando nenhum juízo de valor. Observamos que eles mesmos elegiam as melhores produções, contudo, continuamos generalizamos e dizíamos que a entrevista escrita ainda seria avaliada, procurando não diminuir nem evidenciar nenhum grupo.

Durante as apresentações achamos importante que percebessem a diferença com relação à produção inicial, tanto nos aspectos de postura do grupo, como dos

elementos composicionais do gênero entrevista, tentamos consolidar os conhecimentos sobre o gênero entrevista, várias vezes, fizemos isso durante as apresentações. Terminamos a aula agradecendo o empenho de todos.

Nas devoluções das produções escritas fizemos algumas considerações e atribuímos nota tanto a produção oral como a escrita. Constatamos que as produções finais tiveram uma seriedade maior em relação à produção inicial, os alunos consideraram a postura e a pertinência das perguntas, sendo específicos ao papel social do entrevistado e sua atividade. Na escrita da entrevista alguns erros ortográficos foram verificados, contudo, não foram considerados na avaliação, sobre isso, tecemos comentários a esse respeito na folha. Como o objetivo maior é o domínio do gênero, não achamos necessário nesse momento, alterar a pontuação de uma produção bem elaborada em detrimento dos erros ortográficos.

Percebemos que o gênero foi bem assimilado pela turma, consideramos que a entrevista é um gênero relativamente fácil e que o sucesso da entrevista depende muito da postura e perspicácia do entrevistador.

A sequência didática estudada com o gênero entrevista constitui uma ferramenta de grande valia para o docente. Todas as aulas foram utilizadas entrevistas diversificando o estudo, dinamizando a aula, motivando os alunos. Logo na primeira apresentação, percebemos a necessidade de limitar o tempo da exposição dos vídeos. Tínhamos em mente, diversificar, para tanto, os vídeos teriam duração de até 10 minutos cada, para adequar fizemos alguns cortes em momentos diferentes dos vídeos, totalizando 30 minutos de apresentações por aula. No tempo restante da aula, trabalhávamos os elementos linguísticos e extralingüísticos do gênero.

Utilizamos 08 vídeos do youtube sobre os mais diversos temas, sendo 01 na primeira aula, 05 vídeos trazidos pelos grupos para a terceira aula e na quarta aula, mais 02 vídeos, dessa maneira foi possível observar entrevistas sobre vários assuntos e personalidades. Constatamos que de outra forma, ou mesmo na web 1.0, isso não seria possível.

Questionamo-nos, até que ponto essa diversidade seria importante para o estudo? Responderemos que, as entrevistas contribuíram para o desenvolvimento do estudo, mobilizou conhecimentos prévios, instigou a curiosidade, atendeu expectativas. Sim, tudo isso, contribuiu para a qualidade da produção final, tivemos produções bem elaboradas; mobilizou conhecimentos prévios dos alunos na

produção e coleta das entrevistas; autonomia e união de forças na elaboração das produções. Instigou a curiosidade quando buscaram na web material para suas produções atendendo a solicitações do professor, e por fim, atendeu as expectativas variadas dos jovens. Primeiro com uma proposta de estudo interessante anunciada detalhadamente, e depois, quando colocamos propositadamente entrevista para emprego, esclarecendo dúvidas desses jovens que já pensam em se inserir no mercado de trabalho.

Houve a percepção por parte do educando de que “a língua se adapta às situações de comunicação e funciona, portanto, de maneira bastante diversificada.” (DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.92). Gênero para essa turma a partir de agora tem outra dimensão, perceberam gênero como mediador numa ação social, devendo considerar os interlocutores e o contexto sócio-discursivo no momento de utilizar-los.

5. Considerações Finais

O docente deve se apropriar dos recursos disponíveis na web 2.0 de maneira crítica, observando a utilidade do material para outras abordagens, atualizar os conteúdos e, principalmente, adequar as práticas sociais vivenciadas pelos jovens.

Considerando as práticas sociais dos jovens, quando fazem uso intenso na produção, visualização e compartilhamento de vídeos no youtube, o professor deve fazer uso dessas competências, desse poder criador. Araújo (2011 p.3) diz que “muitas das práticas de linguagem materializadas na web 2.0 devem sua existência à natureza convidativa do ambiente, que de certa forma parece impelir o internauta à intervenção, à manipulação do conteúdo e ao desenvolvimento de si mesmo como coautor dentro do universo digital”. Na recorrência dessa prática social pelos jovens, percebemos a oportunidade de se trabalhar gêneros em sala de aula de forma dinâmica, associando teoria à prática, utilizando o gênero em seu propósito comunicativo. Estudamos o gênero entrevista em seu contexto de uso, observando, produzindo efetivamente, criando habilidades para o jovem interagir de forma eficiente nas diversas práticas discursivas.

Aproveitando o fascínio que a web 2.0 provoca principalmente nos jovens, aliado ao arsenal de vídeos com entrevistas disponíveis no youtube, aplicamos uma sequência didática para uma turma de 1º ano do ensino médio.

Estruturada em módulos, a sequência didática consiste em trabalhar as dificuldades apresentadas pelos alunos decorrentes de suas produções textuais iniciais. Eliminando essas dificuldades através de módulos, o professor vai desenvolvendo no aluno habilidades para uma produção final satisfatória. Portanto, uma ferramenta eficiente que permite organizar e elaborar as etapas do ensino com gênero através de módulos, desenvolvendo de forma aspirai habilidades para a competência discursiva dos alunos. A partir da produção inicial, estruturamos os módulos, organizando o material adequado ao nível da turma, observando as entrevistas que teriam uma melhor compreensão por parte dos alunos, julgamos fundamental a adequação do conteúdo da entrevista ao nível de escolaridade, para melhor adesão da turma.

A apresentação da situação na sequência didática é o ponto de partida para uma trajetória que busca atrair o aluno para o estudo com gêneros, envolvê-lo no que se pretende ensinar, mostrar as possibilidades do estudo. Nesse momento,

situamos a turma sobre o trabalho a ser desenvolvido em quatro aulas sobre o gênero Entrevista, conseguindo o engajamento e a participação efetiva de todos. Apresentamos gênero como instrumento de mediação entre o sujeito e a situação comunicativa, evidenciando que em qualquer situação discursiva, há que se utilizar o gênero, considerando sempre a dimensão do contexto sociodiscursivo em que o gênero circula. Apresentamos o gênero entrevista pontuando o estilo e composição, finalizamos a primeira aula solicitando a produção inicial.

. Durante a produção inicial do gênero entrevista, percebemos a preocupação dos alunos em tentar elaborar o melhor, se cercando de informações e consultas de vários vídeos de entrevistas no youtube. A produção inicial foi bastante razoável, considerando que foi elaborada a partir de algumas informações sobre entrevistas apresentadas em sala de aula, e dos conhecimentos prévios dos alunos. Os primeiros vídeos foram elaborados com bastante comprometimento, percebemos nesse momento, o aluno sendo autônomo na formação do próprio conhecimento, foram cuidadosos quando observaram a situação de uso e o grau de formalidade exigido. Considerando que a primeira produção só atende parcialmente aos resultados a partir de algumas explicações iniciais, seu objetivo é relacionar algumas dificuldades e estruturar os módulos seguintes. Observamos os pontos que precisariam de maior atenção e percebemos que as perguntas precisariam ser apropriadas ao tema, como também, evitar as perguntas embaraçosas e constrangedoras. A redação da entrevista também precisaria de adequações, reduzindo algumas expressões inadequadas, quando da transcrição da gravação para a escrita, melhorando o entendimento. Portanto, esses pontos foram estruturados para o desenvolvimento do trabalho com o gênero através dos módulos.

No primeiro módulo trabalhamos os pontos de dificuldade encontrados nas produções iniciais, começamos com as perguntas a serem feitas, estruturando as perguntas segundo o tema, orientando o discente de forma que conseguissem uma boa entrevista. Apresentamos algumas entrevistas, pontuando a forma ética como condiziam as entrevistas, selecionamos mais alguns tipos de entrevistas e a importância de adequar a fala ao interlocutor. No segundo módulo trabalhamos as entrevistas solicitadas na aula anterior, foram entrevistas para vaga de emprego. Abordamos esse tipo de entrevista para atender as expectativas desses jovens, que já pretendem se inserir no mercado de trabalho, trabalhar as expectativas dos jovens

torna o trabalho mais envolvente, além de serem a formas de abordagem orientadas pelos PCNEM. A escrita da entrevista foi trabalhada, solicitando que o aprendiz adequasse algum ponto da fala do entrevistado de uma melhor forma, sem alterar o sentido das respostas dadas durante a entrevista. Por fim, mais entrevistas, agora enfatizamos os entrevistadores Marília Gabriela e Jô Soares, nela evidenciamos a postura profissional dos entrevistadores, concluimos o módulo enviando o material utilizado nas aulas para apoio à produção final.

Na produção final os grupos apresentaram seus vídeos e entregaram a entrevista escrita, durante a exposição consolidamos os conhecimentos reforçando as características estruturais da entrevista, ressaltando a diferença e o sucesso em relação à produção inicial. A seriedade na produção final das entrevistas foi impressionante, não houve dúvida que o material coletado da web 2.0 possibilitou a qualidade dessas produções.

As constantes visualizações de vídeos da internet pelos jovens nos levaram a perceber na recorrência dessa prática social, uma oportunidade de se trabalhar gêneros em sala de aula de forma dinâmica, com o gênero em funcionamento, atendendo seu propósito comunicativo, associando teoria à prática. Da utilização desse conhecimento prévios do aprendiz, conseguimos a satisfação do aluno na realização da atividade de linguagem. Satisfação também para o professor, quando desenvolve uma atividade de linguagem que concebe o estudo do gênero em contexto de produção efetivo, proporcionando habilidades para que o jovem possa ser autônomo em suas diversas práticas sociodiscursivas.

A utilização das entrevistas disponíveis na web 2.0 nos permitiu observar os vários contextos de uso desse gênero, considerar os elementos necessários para sucesso de uma entrevista, identificar uma correta postura com relação ao entrevistado, ser crítico diante de produções mal elaboradas, enfim, materializando o gênero, abandonando a forma fictícia de se trabalhar o gênero em sala de aula.

A web 2.0 oferece alternativas criativas, os internautas estão sempre em constante colaboração na inovação de conteúdos, que lá estão disponíveis. A web 2.0, também oferece vários repositório de objeto de aprendizagem digital, contudo, para o ensino de gênero de forma motivadora, é interessante criar situações a partir da realidade social do aluno, garantindo o engajamento dos jovens no processo de ensino/aprendizagem. Ser crítico e buscar diversificar o material didático, tendo

como apoio os recursos disponíveis na internet é fundamental, contudo, como qualquer outra ferramenta, é preciso habilidades para utilização.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, M. E. **Informática e Formação de Professores**. Vol.1. Brasília, MEC/Seed, 2000.

ARAÚJO, J. C. VASCONCELOS L.L. **WEB 2.0 e as Práticas de Linguagem: Novos Gêneros** Ano: 2011 – Volume: 4 – Número: 2
Disponível <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre> acesso 03.09.15

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.
REGO, T. C. Vygotsky, uma perspectiva social da educação. Petrópolis: Vozes, 1995.

_____, M. **Estética da criação verbal**. Trad. feita a partir do francês: Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Secretaria de Educação Média e Tecnológica, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio** (MEC/SENTEC, Brasília, 1999)

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita** Campinas, SP: Mercado de Letras. 2004

FERRETTI, C. J; ZIBAS, D. M. L; MADEIRA, F. R; FRANCO, M. L. P. B. **Tecnologias, Trabalho E Educação**, 7. ed., 1994, Petrópolis, Rio de Janeiro.

GATES, B. A **Estrada do Futuro**. Trad. Beth Vieira. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LÉVY, Pierre. **As Tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da Informática**. Rio de Janeiro, Editora 34, 1993.

LITWIN, E. **Tecnologia Educacional**, Porto Alegre, 1997.

MARCUSCHI, L. A. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008

MATURANA, H. R. & VARELA, F. J. **A Árvore do Conhecimento – as bases biológicas da compreensão humana**. Trad. Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Athena, 2001.

MORAN, J. M. **Internet no Ensino. Comunicação & Educação**. V (14: janeiro/abril, 1999, p.17-26).

MORAN, J. M. MASETTO, M. & BEHRENS, Marilda. **Novas Tecnologias e mediação pedagógica**. 3ª ed. São Paulo: Papyrus, 2001.

PRETTO, N de L. **Uma Escola sem/com Futuro** – educação e multimídia. 3ª ed. Campinas, SP, Papyrus, 1996.

RÖSING, T M. K. **A Formação do professor e a questão da leitura**. Passo Fundo: Ediupf, 1996.

SANCHO, J. M. **Para uma tecnologia educacional**. Trad. Beatriz Affonso Neves. Porto Alegre, ARTMED, 1998.

SANDHOLTZ, J. H.; RINGSTAFF, C.; DWYER, D. C. **Ensinando com Tecnologia**, Porto, Alegre, 1997.

SCHAYAN, J. **O Aprendizado na Internet**. Revista Deutschland, 2001.

SOUZA, S. J. e KRAMER, S. **O debate Piaget/Vygotsky e as políticas educacionais**. Cad. Pesquisas, 1991.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.